

Marília Martins Bandeira
(UFSCAR)

Lago, Jader. 2010. *Viajantes Radicais, pelos caminhos de Lévi-Strauss*. [Filme] ESPN-Brasil. 53 min.

Imagine o leitor quem poderia ter dito a frase: “Eu era muito apaixonado por campismo, caminhada e alpinismo, além disso tinha o desejo de conhecer outros horizontes”. Ou, então: “Eu tinha uma carreira em filosofia, uma carreira nobre, mas monótona. Por outro lado, meus gostos pessoais tinham mais a ver com a aventura...”.

Quem apostou em Lévi-Strauss por causa da filosofia se surpreenderá com o documentário *Viajantes Radicais, pelos caminhos de Lévi-Strauss*. Neste filme, Jader Lago revela a porção aventureira do maior antropólogo do século XX, para além do que já se encontra em *Tristes Trópicos*, com uma coleção de entrevistas relacionadas em torno do tema. Além disso, refaz a rota da busca do antropólogo por outras formas de humanidade e passa por kadiwéus, bororos, nhambiquaras e amondawas, captando imagens e problematizando a situação atual destas populações em comparação às descrições e imagens de Lévi-Strauss na década de 1930. Mas, o faz de uma forma diferente, acompanhado de expoentes dos esportes de aventura brasileiro que dispõem de novas técnicas, equipamentos e recursos, demonstrando, por exemplo, como as mesmas corredeiras que atrasaram a viagem de Lévi-Strauss fazendo-o carregar e descarregar a canoa, agora podem ser transpostas por bote inflável ou como o mergulho poderia ter revelado o mundo alagado das cavernas da Serra da Bodoquena, já naquela época.

Se a aproximação da aventura antropológica de Lévi-Strauss de versões contemporâneas de aventura, num primeiro momento, gerou certa apreensão por parte da comunidade antropológica, o competente trabalho do roteirista e diretor, que contou com consultoria antropológica de Sylvania Caiuby Novaes e auxílio em campo de Edmundo Peggion, não só divulga e preserva a mensagem contida no trabalho de Lévi-Strauss como dá a pensar a aventura a quem se propõe a estudá-la. Ademais, isto é feito não só através de trechos de textos de Lévi-Strauss e entrevistas suas

concedidas em diferentes ocasiões recolhidas em acervos, mas também com depoimentos inéditos de alunos e estudiosos de sua obra exclusivamente concedidos para este projeto. A lista de nomes é de fazer inveja a qualquer antropólogo que tem tentado contactá-los: Françoise Héritier, Phillipe Descola, Anne-Christine Taylor e Frederic Kéck.

A apreensão inicial em torno do título do documentário estava, provavelmente, relacionada à intensidade da admiração que se tem pela obra deste que foi, de fato, um dos maiores pensadores da humanidade. Mas pareceu ter havido, na ânsia da reverência, um esvaziamento de sua própria humanidade. Como Phillipe Descola alerta em seu depoimento, Lévi-Strauss com frequência é visto como um estudioso pleno, um intelectual em tempo integral, alguém a serviço ininterrupto da produção de conhecimento, como se estas atividades elas mesmas não passassem pelo gosto do autor e sua disposição a certas formas de fazê-lo. *Viajantes Radicais pelos caminhos de Lévi Strauss* revela, então, um Lévi-Strauss que assume em diversas situações (muito bem selecionadas nesta produção) sua paixão por certas atividades e motivos que o moveram a passar da Filosofia à Antropologia e a triunfar como intelectual.

Héritier ainda resiste no princípio de sua fala, e afirma que Lévi-Strauss era movido somente pelo desejo do conhecimento, “e só isso”. Entretanto, ela mesma discorre não só sobre o prazer de compreender, mas também sobre o prazer que ele tinha em enfrentar os perigos e superar as dificuldades, em estar lá e surpreender-se a si mesmo. Isto vai ao encontro do que ele mesmo fala sobre o prazer de ser o primeiro, em *Tristes Trópicos*. Sylvia Cauby Novaes considera este dado e pondera: “Com certeza ele tinha sim uma paixão pela aventura. A aventura de entrar em terras desconhecidas, e depois a aventura de elaborar intelectualmente, que é uma grande aventura, os dados que ele foi colhendo”.

Descola também acredita que a atração pelo desconhecido teve papel importante na carreira de seu orientador: “É engraçado porque pensamos sempre na imagem de um grande intelectual, um senhor austero, cercado de livros e fichas de trabalho. Mas o que ele fez no Brasil foi um trabalho de explorador. Era preciso organizar uma expedição”. Corroborando esta visão, Taylor divulga que o mestre “... gostava muito da paisagem, a imensidão das paisagens, o seu lado selvagem... ele tinha uma atração por fazer uma expedição de aventura, o que era típico da antropologia desta época, pelo caráter de exploração”.

Sabemos que nem toda a antropologia de hoje é expedicionária, mas fato é que encontramos motivos e dinâmicas semelhantes ao da expedição na antropologia e em outros fazeres do século XXI. Não só as ciências, mas outras áreas e pessoas desejam “ir a campo”. Este é o caso, por exemplo, das novas modalidades esportivas e turísticas, ditas “na natureza”. Samuel Almeida, bicampeão mundial de *rafting*, ilustra esta idéia quando diz que o que motiva os atletas da aventura é a busca do inexplorado, do novo. Até mesmo a quebra dos records e o alargamento dos limites do corpo físico humano também podem ser vistas como formas de conhecer.

Se Lévi-Strauss viu na antropologia a chance de juntar conhecimento e aventura, há quem opte por outras alternativas para fazê-lo, e que não se pretenda intelectual. Principalmente por que o trabalho etnográfico surge apenas em um segundo momento da Antropologia, que antes recolhia seus dados junto a estas mesmas pessoas-pessoas que, atualmente, podem ser informadas e inspiradas pela literatura antropológica.

Esta constatação vem de meu campo de pesquisa que partiu da *capital brasileira do turismo de aventura* segundo a EMBRATUR para o *Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, a Adventure Sports Fair e o Festival*

Brasileiro de Filmes de Aventura e Turismo. E que traz um exemplo etnográfico interessante. Muitos daqueles que se consideram aventureiros profissionais – sejam atletas, condutores, expedicionários ou documentaristas - lêem antropologia, mais especificamente romances etnográficos e diários de campo. E se interessando por seu fazer mais que por sua teoria, são informados em larga medida por ela. Estas pessoas não só se inspiram nas diversas aventuras antropológicas de que tomam conhecimento, como situam a antropologia como um tipo possível de aventura. E se aproximam dos antropólogos na medida em que acreditam que compartilham de um mesmo espírito: o espírito aventureiro. Diante desta teoria “nativa” sobre aventura, caberia, então, uma discussão sobre a assimetria no tratamento do saber “dos outros” versus o saber “da ciência”, problematização cara à antropologia, mas que dificilmente reconhece que a “ciência” pode ser a própria antropologia. Estes aventureiros, portanto, não podem mais ser tidos como tipos de pessoas de menos valor, inconseqüentes exploradores dos quais se evita aproximar o antropólogo, já que eles são também conhecedores. Preferindo vê-los com olhos que os reconhecem como mestres de técnicas “de campo” e detentores de um saber prático que conjuga geologia, ecologia, física e fisiologia humana, não há heresia em dizer que Lévi-Strauss foi um grande aventureiro, principalmente, porque ele mesmo o diz.

O mergulhador Tulio Schargel, por exemplo, afirma no filme que o mergulho é uma viagem como a dos antigos grandes viajantes, aquela que se faz para conhecer – e conhecer principalmente cenas às quais não se tem fácil acesso. Viagens que oferecem desafios corporais, em que se precisa cruzar paisagens, desbravar o desconhecido e entrar em contato com outras populações para produzir conhecimento para si ou para o mundo, portanto, já não são mais privilégio dos cientistas do campo. Há uma comoção de certas pessoas por não se satisfazerem com o que os relatos científicos oferecem, mas por ir lá e ver, que está contida na máxima “conhecer para preservar”. É preciso pensar sobre como lidar com isso.

Se o postulado de Lévi-Strauss, segundo Hérítier, foi o de que o ser humano é parte integrante da natureza, inclusive em seu funcionamento cerebral, *Viajantes Radicais, pelos caminhos de Lévi-Strauss* ilumina não só a possível relação entre antropologia e aventura, mas a necessidade da antropologia enxergar a aventura como campo possível de pesquisa. Entre outras passagens, a fala de Pedro Oliva, recordista mundial de salto em cachoeira com caiaque, em que diz que a motivação de um atleta aventureiro não é superar ou dominar a natureza, mas senti-la e sentir-se mais parte dela, ilustra esta proposição. No limite, pode-se arriscar sugerir que o interesse de Lévi-Strauss pela relação do homem com a natureza poderia estar contemplado na investigação dos modos de vida aventureiros, e da viagem esportiva à natureza.